



A reportagem radiofônica contemporânea e a interpretação da realidade nas coberturas do 15 de maio pela CBN e Jovem Pan News

Arnaldo Zimmermann¹
Universidade Federal de Santa Catarina²

Resumo: O artigo propõe reflexões sobre o formato reportagem em coberturas do rádio contemporâneo. Em busca de evidenciar características que garantam uma maior interpretação da realidade, discute-se, sobretudo, os limites entre informação e interpretação na reportagem, bem como a relação da autoridade profissional atribuída a repórter e apresentador. As estratégias metodológicas utilizadas são a revisão bibliográfica e a análise documental. Já o corpus é constituído de boletins de reportagens das rádios CBN e Jovem Pan News, de São Paulo, nas coberturas das manifestações em defesa da educação em 15 de maio de 2019. Trata-se de análise do conteúdo e do fazer jornalístico, baseada em (re)visitar conceitos de reportagem radiofônica e as especificidades que a fazem transitar entre a informação e a interpretação dos fatos.

Palavras-chave: radiojornalismo; reportagem radiofônica; repórter; rádio; boletim;

1. Introdução

A reportagem radiofônica auxiliou no processo de consolidação do rádio como um meio adequado e com características próprias para a transmissão da informação.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Bolsista Capes. Mestre em Jornalismo pela UFSC. Especialista em Publicidade e Propaganda (FURB). Graduado em Jornalismo (UNISOCIESC). Graduado em Letras (FURB). E-mail: arnaldozimmermann@gmail.com.

² Orientado neste trabalho pela Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto (PPGJOR/UFSC).

Como um formato que passa a ganhar contornos próprios no Brasil a partir da década de 1950, a reportagem no rádio transcende todo esse período buscando se adaptar à chegada de novos meios e ferramentas de comunicação. Os modelos mais comuns nos estudos contemporâneos do radiojornalismo abrangem principalmente boletins de reportagem, reportagens contextualizadas, série de reportagens especiais e grandes reportagens. No entanto, é a reportagem em forma de boletim, com duração curta, que se apresenta com maior frequência nas emissoras comerciais brasileiras.

A proposta deste artigo é, portanto, buscar reflexões sobre este formato radiofônico na contemporaneidade e analisar como é possível sua transição entre um modelo genuinamente informativo e as características que garantam certa autonomia interpretativa do acontecimento. Para auxiliar a análise sobre a reportagem radiofônica como formato, torna-se pertinente também observar os papéis exercidos tanto pelo repórter como também pelo apresentador ou âncora, que, no conjunto da emissão, acabam participando da construção da narrativa como um todo.

Nosso objeto empírico escolhido é a cobertura radiofônica das rádios CBN e Jovem Pan News, de São Paulo, nas manifestações em defesa da educação ocorridas no dia 15 de maio de 2019. O corpus é constituído de dois boletins de reportagem: na CBN, transmitido na tarde de 15 de maio, e na Jovem Pan News, veiculado na manhã de 16 de maio. As estratégias metodológicas são a análise documental (materiais em áudio através dos sites das emissoras na web) e revisão bibliográfica, revisitando conceitos de reportagem, além das funções de repórter e apresentador no rádio e no radiojornalismo.

O problema discutido nesta pesquisa abrange características informativas e interpretativas na emissão das reportagens enquanto boletim, passando pela natureza explicativa do formato reportagem e por aspectos envolvendo as entrevistas e as interações entre repórter e apresentador. Se a essência da reportagem como formato jornalístico é gerar uma perspectiva de interpretação da realidade, pretendemos aqui observar se tal situação ocorre também em boletins de reportagem radiofônica de curta duração.

O percurso teórico para a análise passa pelos conceitos de reportagem radiofônica, com a contribuição de autores como Prado (1989) e Merayo (2002). Já nossa abordagem acerca do contexto comunicativo envolvendo apresentadores e

repórteres parte das considerações de Meditsch (2007) em direção aos conceitos sobre comunidade jornalística interpretativa de Zelizer (2000), a fim de estabelecer uma relação entre a autoridade profissional constituída ao jornalista no desempenho de suas funções e a atividade dos profissionais de rádio durante uma reportagem.

2. O protagonismo compartilhado entre apresentador e repórter na equipe jornalística da emissora

A função do apresentador em uma programação jornalística radiofônica constantemente traz novas implicações à tona. Além da mitificação gerada por parte do público em torno deste profissional ao longo das diversas fases do rádio, é possível constatar que, desde as emissoras mais populares até àquelas voltadas exclusivamente para a difusão de notícias (*all news*), o ouvinte sofre uma influência da familiaridade de quem conduz um programa radiofônico no processo de decodificação da mensagem.

Um ponto a ser considerado essencial nesse processo é o fato de o ouvinte estar habituado a uma determinada hierarquia de vozes. Segundo Meditsch (2007), quando se identifica a voz (que está no ar) é que se estabelece o contexto comunicativo: o ouvinte distingue o que deve ser acreditado enquanto conteúdo jornalístico das demais informações. A intercalação de vozes sinaliza mudanças de assunto e de procedência das notícias, revelando a identidade e o contexto dos falantes, de acordo com o autor. Neste sentido, Meditsch entende que é na qualidade do som que se estabelece também essa hierarquia de vozes: “na base o entrevistado, com postura amadora; acima dele o repórter, treinado com o microfone; no ápice, o apresentador no estúdio, com as melhores condições de emissão” (MEDITSCH, 2007, p.188).

Dentro desta hierarquia, há uma distinção entre as “vozes institucionais”, dos apresentadores e repórteres e as “vozes admitidas”, dos entrevistados (HARTLEY apud MEDITSCH, 2007, p. 188). O controle das “vozes admitidas” por parte das “vozes institucionais” nas suas interações é muitas vezes exercido com a utilização do subtexto. O autor afirma que no rádio, o subtexto se expressa unicamente através do uso da voz, sendo que até o tom de uma pergunta pode indicar aos ouvintes submissão, concordância ou desconfiança em relação ao interlocutor.

Construir uma mensagem para um espectador desconhecido, a partir de um solitário estúdio surdo, é sempre um grande desafio para apresentadores de rádio, já que essa terceira pessoa não participa das interações construídas à frente do microfone. Mas é para esse espectador que toda a fala é produzida, segundo Meditsch (2007). A situação comunicativa segue um padrão a partir de uma base institucionalizada por convenções compartilhadas com o público ouvinte. São os contratos invisíveis de audiência (ZIMMERMANN, 2012), que respeitariam cláusulas de conteúdo e de plasticidade, mas sujeitos a aditivos, supressões e renovações, seguindo sempre o compasso dos acontecimentos noticiáveis em curso.

Ao observar o repórter como uma voz institucional de nível hierárquico intermediário na comunicação radiofônica, cabe resgatar a origem dessa função no contexto histórico da prática jornalística. A ênfase ao trabalho do repórter nos meios impressos no mundo só avança a partir dos correspondentes de guerra, especialmente a Guerra Civil norte-americana da segunda metade do século XIX, quando então o repórter “passou a ser responsável por tornar os fatos mais acessíveis ao público e difundir formas de interpretação da realidade” (MOSER, 2018, p.3).

No rádio brasileiro, a presença do repórter se acentua a partir da década de 1950. “O radiojornalismo brasileiro começou sem reportagem, portanto sem a voz do repórter ou das fontes. Tinha-se, desde o início, a figura do apresentador que narrava as notícias ou fazia comentários” (BESPALHOK, 2005, p.2-3). Segundo Zuculoto (2012), é a partir do Repórter Esso, em 1941, que os noticiários se tornam mais característicos da especificidade do veículo. Após esse período, o rádio começa a contar com fontes próprias de captação da informação, embora ainda de forma muito restrita. “Nesta fase, os noticiários radiofônicos não chegam a dar informações em cima do fato, porque os recursos técnicos, embora não mais tão precários, ainda não permitem a completa exploração do imediatismo e instantaneidade potenciais do veículo” (ZUCULOTO, 2012, p.82).

Diferentemente dos meios impressos, onde o repórter hoje age como grande ator da observação da realidade, nos meios eletrônicos a limitação da autonomia nessa observação reside diante da necessidade de imagens (no caso da TV) e de sonoras com depoimentos de fontes ou testemunhos de populares (no caso do rádio). O desenho da

narrativa da reportagem para cada meio distinto influencia no tempo de exibição de cada matéria jornalística. Embora a autonomia interpretativa do profissional do rádio seja, por vezes, mais limitada em relação ao profissional dos impressos, a localização no tempo e espaço faz com que o trabalho do repórter em campo exija uma capacidade mínima de interpretação dos acontecimentos. De acordo com Zelizer (2000, p.40), “os jornalistas não só se constituem como objetos dos relatos que dão, mas também como sujeitos de outros relatos que se baseiam em coberturas anteriores”. A pesquisadora entende que a autoridade desse repórter/jornalista se constituiu muito pela sua presença nos acontecimentos, da autenticidade da testemunha ocular. “A associação, a presença e o “ter estado lá” servem de justificação quando se fazem alegações de autoridade que se prolongam no tempo” (ZELIZER, 2000, p.41-42). Ao relacionar os modos local e durativo como modos de interpretação da comunidade jornalística, Zelizer lembra que até mesmo quando o jornalista não pode estar no local, consegue reivindicar para si a autoridade cultural, incorporando no discurso o conhecimento gerado pelos colegas de profissão que cobriram determinados eventos em tempos anteriores ao seu. É quando repórteres e jornalistas, de um modo geral “posicionam o acontecimento crítico num *continuum* temporal mais amplo” (ZELIZER, 2000, p.42).

Enfim, nesse compartilhamento de autoridade profissional, é possível dizer que o apresentador, habitualmente situado no topo da hierarquia de vozes, detém o poder de controlar as interações e conversações com as vozes institucionais e as vozes admitidas. Cabe a ele ainda a responsabilidade de relacionar os fatos narrados dentro de um contexto maior durante toda a grande cobertura radiofônica. Já o repórter nas ruas adquire o privilégio de testemunha ocular dentro desta roda de interpretação. Há de se compreender que a posição crítica sobre o fato narrado é compartilhada por ambos em posições de tempo e espaço distintas, mas vistas como complementares. A introdução, os fechamentos, as interrupções nas narrativas delegam o poder de direção sobre a veiculação da matéria ao apresentador, como um “editor em tempo real” do módulo informativo. O repórter entra com o poder da descoberta, da revelação, da aproximação com o fato e com a capacidade de articular sua aproximação com o público através do discurso *in loco*, como o resultado de uma verificação sobre o acontecimento bruto. O processo de mediação discursiva irá se inclinar para aquele que detiver maior controle

da equação entre fato e público, podendo alterar ou alternar a ordem da hierarquia de vozes e até mesmo o contrato de audiência.

3. A reportagem no rádio: formato de intersecção entre gênero informativo e interpretativo

O formato jornalístico reportagem radiofônica parte de pesquisa prévia, entrevista, seleção de dados e edição, garantindo não só conteúdo, mas também níveis de esteticidade que objetivam atrair e manter os ouvintes interessados pelo tema. Como todo formato jornalístico no rádio, há uma permanente preocupação em se obedecer a critérios de estilo e estrutura, além da questão substancial do conteúdo noticiável.

Algumas incertezas sobre a exata localização do formato dentro da taxonomia nos gêneros radiofônicos brasileiros tensionam o surgimento de uma intersecção entre o gênero informativo e o gênero interpretativo. Embora na classificação brasileira abarcada por Marques de Melo (2009), Lucht (2009) e Barbosa Filho (2003), a reportagem figure como um formato do gênero informativo, a sua própria concepção chega a apontar traços que a deslocariam, mesmo que sutilmente, para o gênero interpretativo.

Sendo a reportagem radiofônica uma narrativa que engloba as diversas variáveis do acontecimento, oportunizando aos ouvintes uma noção mais ampla e mais aprofundada do fato narrado, por si só ela já desenharia um quadro de interpretação ao representar o fato através de muita sensibilidade, criatividade e fluência na narração, como bem pregam praticamente todos os manuais de jornalismo na contemporaneidade.

Em contrapartida, ao se conceber o gênero interpretativo dentro de parâmetros que exijam reunir um farto material para análise antes de sua difusão, como defende o pioneiro Luiz Beltrão (1976), o rádio acaba se distanciando de tal premissa, justamente pelas suas próprias características que lhe dão agilidade, como a mobilidade, a ubiquidade, a instantaneidade e a autonomia nos hábitos de audiência. Se por um lado, Beltrão nos ensina que para construir um formato jornalístico que se enquadre em uma perspectiva de interpretação da realidade é importante procurar antecedentes melhores e projetar uma visão futura, Prado (1989) observa a reportagem radiofônica como uma

agrupação de representações fragmentadas da realidade que só no seu conjunto conseguirão dar uma ideia global de um tema.

No entanto, para bem organizar o fluxo de produção, circulação e reconhecimento (consumo) de um material em áudio, será necessário estabelecer um padrão sequencial e estético que remeta tons familiares ao público ouvinte. O pesquisador espanhol Arturo Merayo (2002) lembra bem que as próprias especificidades do meio dificultam essa limitação clara entre a apresentação e a avaliação dos fatos. Para o autor, o emprego da voz humana e a inclusão de elementos da linguagem que introduzem emotividade à narrativa podem denotar a presença de opinião no conteúdo radiofônico. Reis (2010), ao analisar as constatações de Merayo, ressalta a preferência do autor espanhol em classificar os gêneros no rádio entre monólogo e diálogo (ao invés da divisão clássica dos gêneros jornalísticos), justamente pela dificuldade em distinguir informação de interpretação ou de opinião em uma mensagem jornalística no rádio. Corroborando com a análise de Merayo e de Reis, não é difícil supor que, de alguma forma, possa ocorrer na reportagem radiofônica um caráter híbrido que se aproxime de uma narração interpretativa, justamente pela presença e pela utilização de elementos específicos da linguagem.

Nos casos em que a reportagem radiofônica é transformada em uma série de reportagens especiais ou em uma grande reportagem, sua aproximação com o formato “documentário radiofônico” é inevitável. Barbosa Filho (2003) se refere a tal formato quando há um aprofundamento de um tema específico que requer muita pesquisa documental e que normalmente resulta em um material de áudio com muitos recursos de sonoplastia. Entretanto, o ponto de fusão entre um documentário e as grandes reportagens ou reportagens especiais estaria no caráter interpretativo dos fatos, o que por si só já geraria dúvidas quanto à definição de seu gênero. A inclusão de efeitos sonoros como partículas ficcionais durante a narração e o uso de expressões no limite da adjetivação gera, por vezes, certo distanciamento da tradicional objetividade jornalística, mas também recusa o flerte da subjetividade, deslocando, em muitos casos, o produto final da reportagem para o campo da intersubjetividade, onde a “voz do outro” tensiona a relação sujeito/objeto/sujeito. Enquanto essas reportagens repousam

mais no gênero interpretativo do que propriamente no gênero informativo, amplia-se qualitativamente a capacidade do ouvinte na interpretação dos fatos relatados.

Sobre os efeitos sonoros, cabe lembrar que parte da riqueza de uma reportagem radiofônica está na composição dos ruídos captados do local de uma transmissão ao vivo. “O ruído é a novidade e o descontrole. É o relevo da paisagem sonora. [...] Nesses instantes é o inesperado que toma a palavra e deixa o rádio repleto de vida e movimento” (BORGES, 2013, p.9). É a permitida invasão da forma sobre o conteúdo da narração do acontecimento, a fim de despertar o interesse da audiência.

Quanto à forma, Prado (1989) sugere dois tipos principais de realização de reportagens radiofônicas: a reportagem simultânea, ao vivo e executada paralelamente ao desenrolar da ação; e a reportagem diferida, gravada, permitindo a montagem dos fragmentos em uma ordem que facilite a compreensão do ouvinte após o fato ter ocorrido.

Nas reportagens simultâneas, Prado (1989) lembra que o ambiente acústico no local do acontecimento reforça a produção do sentido de participação nos fatos no ouvinte. O autor destaca a possibilidade de inclusão de entrevistas neste tipo de reportagem, até pela facilidade de acesso às fontes, mas alerta quanto a duração da participação de entrevistados, “a fim de evitar desincronização entre a tensão da ação e a da reportagem, o que produz uma falta de ritmo e diminui as possibilidades de seguir os fatos” (PRADO, 1989, p.88). Já nas reportagens diferidas, as entrevistas em forma de citação “com voz” são mais comuns, podendo incluir até opiniões de especialistas, ou também, conforme Prado (1989, p.89), “o contraste entre os afetados pelo fato e os ausentes do acontecimento”.

Normalmente, quando a emissora entrevista populares (afetados pelo fato) como testemunhas do acontecimento, as chances de enquadramento pelo jornalista são maiores, pois há a preocupação com a idoneidade do informante e o risco de fragmentação. É onde entra em cena o “fiador” da testemunha”, segundo Amaral, Pozobon e Rubin (2010, p.12), em um jogo aparente de submissão ao testemunho, mas com um domínio muito grande sobre ele, conforme as autoras. Na reportagem radiofônica, a inclusão da entrevista pode ocorrer para garantir maior credibilidade à matéria, transformando-a em um documento. É neste ponto que Kaplún (2017) entende

que no rádio a entrevista adquire um valor extra, “semelhante ao que tem a foto no meio impresso: é a ilustração viva, a prova, o documento” (p.227).

Entre as variações das reportagens no cotidiano do rádio brasileiro, é mais comum que elas sejam exibidas como boletins, onde o repórter apresenta, ao vivo, gravado ou de forma mista, um resumo de informações sobre determinado acontecimento, incluindo, por vezes, sonoras, entrevistas e, em alguns casos, outras percepções sobre o fato narrado. Normalmente esses boletins não duram mais do que três minutos a cada emissão, podendo ser apresentados de maneira fragmentada, ou seja, conforme o repórter vai apurando mais detalhes sobre o fato, gera-se uma nova entrada na programação da emissora.

4. Apresentação e análise das reportagens

Este estudo foi realizado com a escuta e a análise dos boletins de reportagem das rádios paulistas CBN e Jovem Pan News nas coberturas das manifestações em defesa da educação em 15 de maio de 2019. Estima-se que centenas de milhares de manifestantes foram às ruas naquela data protestar contra os cortes orçamentários promovido pelo governo federal na área da educação, especialmente nas universidades e institutos federais de ensino. Os atos ocorreram em cerca de 250 cidades nos 26 estados e no Distrito Federal³. São Paulo (SP) foi o palco de uma das maiores aglomerações de manifestantes e teve a cobertura jornalística das duas emissoras analisadas, com presença de repórter no local do acontecimento.

A escolha das emissoras aconteceu devido às duas transmitirem no formato “*All News*”, terem sua sede em São Paulo (maior cidade do país) e ao mesmo tempo operarem em rede com emissoras afiliadas no restante do Brasil. Todos os áudios analisados foram extraídos dos sites das emissoras na web. A reportagem da CBN foi transmitida dentro do Jornal da CBN 2ª edição, entre 17h e 18h30 do dia 15 de maio, dia das manifestações. A reportagem da Jovem Pan News foi veiculada durante o Jornal da Manhã, entre 7h30 e 10h do dia 16 de maio, dia posterior às manifestações. Além do

³ Números publicados no portal *Estadão* em <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral/cidades-brasileiras-tem-atos-contras-cortes-federais-na-educacao,70002829707>. Acesso: 24 maio 2019.

áudio na emissora de rádio, a reportagem da Jovem Pan News também foi exibida em vídeo pela web.

O boletim da CBN durou 2 minutos e 22 segundos, considerando a introdução e o fechamento do apresentador no estúdio. O apresentador/âncora naquele horário era o jornalista Roberto Nonatto e o repórter na cobertura era o jornalista Pedro Duran. O apresentador introduz o assunto anunciando uma escalada de boletins pelas principais cidades do país, iniciando com a reportagem em São Paulo. A transmissão acontece ao vivo e o repórter faz sua narrativa simultaneamente ao acontecimento, apresentando os números (público presente) da manifestação de acordo com fontes consultadas (organização x polícia militar) e a descrição da estrutura. Em seguida aborda a temática do evento, falando sobre o foco principal dos protestos e narrando exatamente o que observou durante o período, como discursos, vaias, palavras de ordem e escritas em cartazes. Após narrar detalhes do acontecimento anteriores à sua intervenção no ar, o repórter explica o que está observando na movimentação dos manifestantes no exato momento em que ela ocorre, típico de uma execução ao vivo paralelamente ao desenrolar da ação. Em seguida, o repórter narra qual deve ser o próximo passo na ação dos manifestantes, que seria uma caminhada por um trecho de dois quilômetros entre a Avenida Paulista e a Assembleia Legislativa. Cita também, rapidamente, o impacto que a manifestação estaria causando no trânsito da região. O repórter faz uma narração estrita, sem sonoras e entrevistados. Na sequência, o apresentador interage com o repórter, colocando o ouvinte em dúvida sobre as versões apresentadas sobre o número de manifestantes:

- Ô, Pedro, você falou 100 mil, a PM fala em 15 mil. Normalmente a gente tem essa distorção entre aquilo que os organizadores trazem e a polícia militar, mas me parece que é muito mais que 15 mil, ou não?
- Sim, dezenas de milhares de pessoas sem dúvida nenhuma, Nonatto. Uma manifestação bastante volumosa... a gente sabe pelo número de quarteirões ocupados na Avenida Paulista, então, chegou em um momento, muito embora tenha chovido, garoadado fraco, chegou um momento com mais de seis quarteirões ocupados na calçada, nas duas pistas e na calçada do outro lado. Então a gente conclui que certamente dezenas de milhares de pessoas reunidas aqui nessa que é a maior manifestação até agora do governo do presidente Jair Bolsonaro, Nonatto.

Na sequência da programação da CBN, outros repórteres entraram ao vivo de outras capitais do país fazendo a cobertura das manifestações.

De uma maneira geral, o conteúdo abordado pela reportagem da CBN esteve mais próximo de relatar o acontecimento com uma narrativa de explicação sobre o fato do que necessariamente se ater a um enfoque utilitarista. Apesar do tempo exíguo, o repórter se concentrou em expor ao ouvinte uma noção da dimensão do acontecimento e em informar as razões de sua existência. Em função de ser uma reportagem simultânea ao fato e emitida integralmente ao vivo, a relação direta com a realidade é incrementada também pelos ruídos da paisagem sonora, fazendo o que Borges (2013) sugere de um “rádio repleto de vida e movimento”, além de gerar a proximidade psicológica, lembrada por Merayo (2002). A intercalação de vozes no diálogo entre apresentador e repórter auxilia no estabelecimento da hierarquia das vozes através do contexto dos falantes, conforme orientado por Meditsch (2007).

É possível perceber o caráter interpretativo ocupando espaços na informação em vários detalhes, inclusive quando o repórter tenta contar ao ouvinte o que exatamente viu e o que está vendo no exato momento da emissão, algo quase comum nas narrativas radiofônicas. Quanto à interpretação acerca do conteúdo, claramente é perceptível, durante o diálogo entre apresentador e repórter, a dúvida a respeito das informações oficiais sobre o número correto de participantes nas manifestações. O testemunho ocular do repórter no palco do acontecimento alavanca sua autonomia interpretativa diante do ceticismo em relação às informações colhidas com as fontes. Além disso, as experiências anteriores com manifestações no local do acontecimento reforçam o caráter dos modos local e durativo de interpretação dos fatos contemporâneos, seguindo o entendimento apontado por Zelizer (2000).

O boletim da Jovem Pan News durou 2 minutos e 5 segundos, considerando a introdução do apresentador no estúdio. O apresentador/âncora naquele horário era o jornalista Vitor Brown e o repórter na cobertura era o jornalista Matheus Meirelles. A reportagem é diferida, ou seja, gravada e editada previamente. Foi apresentada durante o Jornal da Manhã, com chamada ao vivo do estúdio pelo apresentador. O repórter iniciou sua narração com um resumo do que foi a manifestação na Avenida Paulista em São Paulo e sobre a motivação para os protestos. Em seguida, chama a primeira sonora, uma

professora que critica a situação da educação e fala das dificuldades que os alunos sofrem para poderem estudar. Na sequência, o repórter faz um texto de passagem para a segunda sonora, um estudante que critica os cortes nas pesquisas e bolsas para os acadêmicos. Logo após, o repórter narra o que observou ao longo da manifestação, como os cartazes que criticavam “o decreto das armas, a reforma da previdência e outras medidas do presidente Jair Bolsonaro”. Na continuação da programação, o apresentador ouviu os comentários de um especialista sobre as mobilizações.

O conteúdo narrado pelo repórter na Jovem Pan News foi enquadrado em um formato clássico de boletim para o rádio, com dados compactados a respeito do público, do local e dos objetivos da manifestação. Por ser considerada uma reportagem diferida, as inclusões de sonoras dos manifestantes conseguiram contemplar os dois públicos principais estimados no evento: professores e alunos. Embora a reportagem dispensou cumprir um caráter utilitarista, até pelo distanciamento temporal do evento, também optou por delegar a explicação sobre o fato para os próprios entrevistados e para a sequência da programação, já repercutindo o conjunto dos protestos em todo o país. Apesar de ser um material editado e veiculado no dia posterior ao acontecimento em si, características residuais de uma cobertura ao vivo também estiveram presentes neste boletim, como os ruídos de fundo durante as entrevistas, lembrando ao ouvinte de que a reportagem esteve no local, garantindo autenticidade da testemunha, no caso o repórter. É o que Zelizer (2000) entende como uma justificação para alegar autoridade profissional.

As entrevistas em forma de sonoras editadas pela Jovem Pan News formam muito mais um “recheio” de perfil opinativo dentro de uma cadeia informativa no boletim como um todo. Isto porque o conteúdo dos entrevistados neste boletim não chega a aprofundar o assunto e nem se torna essencial ao conjunto da obra. Além disso, afetados e ausentes no acontecimento não chegam a se cruzar nessa reportagem, característica apontada por Prado (1989) para as reportagens diferidas. Porém, a presença de entrevistados garante uma imagem de isenção ao trabalho do repórter, delegando uma aparente autoridade aos populares, mas garantindo o domínio do repórter como fiador da testemunha, como já explicaram Amaral, Pozobon e Rubin

(2010). Além disso, a prova documental das sonoras garante credibilidade à matéria, conforme já proferiu Kaplún (2017).

5. Considerações finais

O boletim do repórter em ambiente externo é sempre algo tanto indesejado quanto surpreendente. Interrompe a boa qualidade sonora transmitida pelos equipamentos de estúdio e rompe com a previsibilidade do fluxo informativo controlado pela redação e pelas vozes na estação interna de trabalho. É o tipo de transmissão que chama a atenção do ouvinte como algo extraordinário ocorrendo, algo que está fora do controle e da governabilidade da agenda dos produtores, dos emissores e, principalmente, dos receptores. A reportagem radiofônica em forma de boletim oferece ao ouvinte o compartilhamento de algo no tempo e no espaço onde é possível dividir a sensação de “ter estado lá”.

Diante de dois boletins com formatações distintas analisados aqui, é possível concluir que nem sempre mensagens externas informativas e compactas são necessariamente utilitaristas, mas podem ampliar a capacidade de explicação e análise sobre o fato. Um dos aspectos proporcionados em ambos os casos foi a relação direta da emissão com a realidade, mesmo no caso da Jovem Pan News, onde a opção de análise foi por um boletim gravado.

O ambiente acústico das entrevistas ou da narração do repórter garante a dupla autoridade na relação entre estúdio e rua: a autoridade do apresentador na condução do processo dentro do contexto macro da cobertura e a autoridade do repórter dentro do seu espaço de tempo e lugar, com a amplitude do olhar sobre os fatos anteriores que culminaram com o momento de sua intervenção externa e com a leitura mais ampla do acontecimento, conseguindo resumir toda a complexidade da situação em pouco mais de dois minutos de emissão.

A pretensa neutralidade no boletim da Jovem Pan News enquadrou a transmissão, do ponto de vista estético, dentro do gênero informativo. Foi neutro, sem necessariamente ser imparcial, já que as vozes ouvidas foram apenas dos manifestantes. Por outro lado, o acréscimo de informações sobre detalhes captados durante a

observação do repórter, como “pautas alheias ao foco da educação”, atesta que a neutralidade informativa preferiu residir mais na forma do que no conteúdo.

O boletim do repórter da CBN não deu voz – ao menos na emissão analisada – aos integrantes da manifestação, mas é possível dizer que o conjunto da intervenção ao vivo apresentou mais nuances interpretativas do que o boletim da outra emissora. Tudo isso pelo modo pretendido em contar a história, de descrever o ambiente, a situação e apresentar suas próprias conclusões, além do tom de voz do repórter, que diferentemente da forma ensaiada das emissões gravadas, faz o vivo transmitir uma sensação de descoberta e revelação instantâneas.

Neste trabalho não houve a pretensão de analisar todo o processo de mediação discursiva durante toda a cobertura sobre as manifestações, mas sim de dois boletins de reportagem isolados que servem tanto para uma análise estrutural da emissão como objetos ilustrativos ao aporte teórico pesquisado.

Distante de garantir uma perspectiva ampla da realidade como ocorre em séries de reportagens especiais ou em grandes reportagens, os boletins analisados foram oportunos para perceber que, independente da duração da transmissão ou do tamanho da pesquisa do repórter, características comuns do formato reportagem estão presentes em todas as suas modalidades de emissão. E é isso que torna o formato indispensável na programação radiofônica.

Referências

AMARAL, Márcia Franz; POZOBON, Rejane de Oliveira; RUBIN, Anaqueli. Modos de endereçar a tragédia: indignação, testemunho e piedade. **Lumina** - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Juiz de Fora, Vol.4, n. 2, p. 1-15., dez. 2010.

BARBOSA FILHO, A. **Gêneros Radiofônicos**: Os Formatos e os Programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. Reportagem Externa Radiofônica: A Experiência da Emissora Continental na Construção da História do Radiojornalismo Brasileiro. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 5 a 9 de setembro de 2005, Rio de Janeiro (RJ). **Anais** [...] Rio de Janeiro: Intercom, 2005. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1337-1.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

BORGES, Paulo. A credibilidade do ruído no radiojornalismo. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 4 a 7 de setembro de 2013, Manaus (AM). **Anais [...]** Manaus: Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0765-1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

KAPLÚN, Mario. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. In: BETTI, Juliana Gobbi; MEDITSCH, Eduardo (org.). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros radiojornalísticos: análise da rádio Eldorado de São Paulo**. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

MARQUES DE MELO, J. Gêneros jornalísticos no Brasil: O estado da questão. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM**, 4 a 7 de setembro de 2009, Curitiba (PR).

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. 2ª ed. rev. Florianópolis: Insular: Ed. UFSC, 2007.

MERAYO, Arturo. La construcción Del relato informativo radiofónico. In: MARTÍNEZ-COSTA, María del Pilar (coord.). **Información radiofónica: cómo contar noticias en la radio hoy**. Madrid: Ariel, 2002. p. 59-96.

MOSER, Magali. Apontamentos sobre a invenção da reportagem. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2 a 8 de setembro de 2018, Joinville (SC). **Anais [...]** Joinville, SC: Intercom, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0449-1.pdf>. Acesso em: 05 maio 2019.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1989.

REIS, Clóvis. **Na fronteira da persuasão: os gêneros jornalísticos nas emissoras de rádio**. Blumenau: Edifurb, 2010.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa. In: TRAQUINA, Nelson (org.) **Jornalismo 2000**. Revista de comunicação e linguagens. Lisboa, Relógio D'Água, 2000. p. 33-61.

ZIMMERMANN, Arnaldo. **A participação do público na cobertura radiofônica do desastre de 2008 em Blumenau**. 2012. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

Sites:

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019
.....

CBN: <http://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/260255/atos-contracortes-de-gastos-seguem-por-todo-o-pai.htm?fbclid=IwAR06TKpHda2ZdGQQwvaxZtv5XCQMEfJwE64yFyn5uWv8RCFSI7vqWmHmJU0>. Acesso: 19 maio 2019.

Jovem Pan News: <https://jovempan.uol.com.br/videos/programas/jornal-da-manha/jornal-da-manha-16-05-2019.html>. Acesso: 19 maio 2019.